

PREFÁCIO

# Vestindo o novo: moda e cultura juvenil no Rio de Janeiro anos 60

*Maria Lucia Bueno<sup>1</sup>*

Divisor de águas na história do século XX, os anos 1960 foram o cenário de uma revolução cultural, tendo a juventude como referência de comportamento e estilos de vida, que se difundiu internacionalmente a partir da indústria cultural. Os jovens despontaram como a matriz de uma nova visão de mundo, expressa nos movimentos de rua e nos shows musicais, que se evidenciava pela maneira como se vestiam. A minissaia e as calças para as mulheres, e os cabelos longos e as camisas coloridas para os homens, tornaram-se o figurino indispensável de uma geração de rebeldes, simbolizando as rupturas que desejavam promover. Entre nós foram tempos de efervescência e conturbação, que mesclaram liberdade e opressão, produzindo um dos episódios mais ricos da história cultural brasileira.

Pesquisadora experiente nos meandros da história da moda brasileira, autora de trabalho clássico sobre a indumentária e os padrões de civilidade da boa sociedade do Rio de Janeiro no século XIX, Maria Carmo Rainho nos brinda agora com um estudo instigante sobre as

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto de Artes e Design da UFJF-MG e Pesquisadora do CNPq

transformações da cultura de moda brasileira na sua década mais emblemática. Tomando como principal objeto as fotografias produzidas e publicadas pelo jornal *Correio da Manhã* entre 1960 e 1970, embasada num referencial teórico extraído da história e das ciências sociais, sua interpretação se distancia dos clichês habituais de ruptura absoluta, que dominam nos relatos mitificados sobre os anos 1960. Em *Moda e revolução nos anos 1960*, as imagens da moda são tratadas como objetos heurísticos, elementos privilegiados que precedem e revelam as tensões e os conflitos do período.

As transformações da moda e do comportamento são abordadas a partir do estudo comparativo de três conjuntos de imagens produzidas pelo jornal: os editoriais de moda, as publicidades e os registros da vida cotidiana no Rio de Janeiro. Cotejando a ficção indumentária inventada pelos editores e fotógrafos com as roupas em ação no mundo real, identifica duas fases na nossa cultura de moda – uma mais moderada, nos primeiros anos, pautada pelo padrão da alta-costura francesa, seguida por um momento de quebra e inovações, a partir de 1965, tendo a cultura juvenil como principal protagonista. Mas, no relato que constrói desses episódios, revela que, embora encarnando tempos e velocidades distintas, essas duas fases não são tão estanques quanto parecem, uma vez que elas se cruzam e se relacionam constantemente.

Tensões e contradições transparecem também na contraposição entre o mundo da moda e o mundo da política. No que se aprofunda a repressão política, se acentuam as rupturas estéticas e de estilo de vida na moda. Extrapolando o universo imaginário das páginas da moda, Rainho acompanha a movimentação dessas mudanças pelas ruas da cidade, analisando os registros fotográficos dos protestos estudantis durante a repressão, onde as jovens cariocas investiam contra a ditadura, cometendo ousadias na política e nas roupas, com suas minissaias curtíssimas.

Uma das forças da moda, o seu poder reflexivo, decorre de sua faculdade de produzir imagens para o presente operando entre dois

tempos, o passado e o futuro. Para Rainho a capacidade de antecipação dos criadores de moda – embalados tanto pelas rupturas quanto pelas restaurações – reside na sua competência para buscar no passado os elementos que responderiam às expectativas e angústias dos sujeitos coletivos.

Pela qualidade do material que recolheu, pela abordagem cuidadosa e pela perspectiva original, o livro de Maria do Carmo Rainho deverá se constituir em leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pelas evoluções da moda e dos estilos de vida no Rio de Janeiro nos anos 1960, que vem a ser um capítulo fundamental, e pouco conhecido, da história cultural brasileira de um modo geral.